

Eixos básicos para uma efetiva ação evangelizadora

*Denilson Mariano da Silva*¹

Resumo: O contexto pós-moderno, urbanizado e global, amplia ainda mais os desafios da ação evangelizadora da Igreja na atualidade. O objetivo desta comunicação é lançar luz sobre a prática atual em função de uma maior eficácia da ação evangelizadora e levantar pistas para a organização de planos de ação evangelizadora para paróquias e dioceses. Seguindo o método indutivo, parte-se dos desafios da ação evangelizadora no contexto atual e culmina nos eixos básicos para uma efetiva ação evangelizadora. A articulação desses eixos básicos, de forma orgânica e permanente será capaz de tornar a ação evangelizadora mais efetiva, eficaz e propensa à ação do Espírito no seio da Igreja e da sociedade.

Palavras-chave: Ação Evangelizadora. Leigos. Sujeito Eclesial. Animação Bíblica.

INTRODUÇÃO

O atual contexto pós-moderno, urbanizado permeia as cidades e também as áreas rurais. A mentalidade urbana, favorecida pelas novas tecnologias de comunicação e interação virtuais, chega a toda parte e, em certa medida, dilui as fronteiras entre o campo e a cidade. Esta mudança, advinda na contemporaneidade, impacta diretamente a prática de fé, marcadamente comunitária em suas raízes, tendendo à individualização e à perda das referências eclesiais: “A mentalidade urbana chega a todas as partes e apaga, em certa medida, as fronteiras entre o campo e a cidade, provocam processos de urbanização dos espíritos. Sem generalizar, e com matizes, parece que quase todos somos urbanos” (GALLI, 2014, p. 114).

Ocorre uma espécie de “privatização da fé” seguida de uma perda de sua dimensão social, abafada pela hipervalorização da dimensão pessoal que ocupa o centro de toda a busca religiosa: “A cidade exacerba o subjetivismo e o individualismo. A fé corre o risco de acompanhar tal processo” (GALLI, 2014, p. 72). O mundo urbanizado e plural, com predominância do individualismo (cf. TRIGO, 2013, pos. 2646), configura-se como um enorme desafio à ação evangelizadora da Igreja na atualidade. Desafia a linguagem pastoral e seus métodos, desafia as formas e estruturas eclesiais vigentes e exige um novo empenho na ação evangelizadora (cf. MIRANDA, 2017, p. 59).

1. NOVA FORMA DE AÇÃO EVANGELIZADORA NO CONTEXTO URBANIZADO

Esse desafio é abraçado pela V Conferência Episcopal Latino-Americana realizada em Aparecida-SP. Assume como ato de fé que: “Deus habita na cidade” (DAp 514) e acena que os desafios da contemporaneidade exigem “uma nova pastoral urbana” (DAp 509-519). Sinaliza

¹ Doutor em Teologia pela FAJE-BH, redator da Revista O Lutador; Membro da SOTER; Apoio CAPES.

uma Igreja mais viva e atuante neste contexto atual, com o necessário despertar missionário da Igreja a fim de colocá-la em “estado permanente de missão” (DAP 213 e 551). Isto implica ultrapassar uma pastoral de simples manutenção para uma pastoral “decididamente missionária” (DAP 370) e inculturada (cf. DAP 480).

O Papa Francisco, atento às mudanças do nosso tempo percebe a ruptura que se produziu na “transmissão geracional da fé cristã no povo católico” (EG 70) e insiste em uma pastoral urbana (cf. EG 71-75). Indica que “é preciso não esquecer que a cidade é um âmbito multicultural” (EG 74) e que “Deus não se esconde aos que O buscam de coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta” (EG 71). Assim, a tarefa evangelizadora da Igreja é descobrir, nomear, apontar, ajudar a captar a presença de Deus vivo e atuante não apenas na cidade, mas neste mundo urbanizado, presente em todas as partes.

Não se pode ignorar que neste ambiente urbanizado, pós-moderno, as tentativas de tutelas e controle sobre as pessoas são encaradas com muita resistência. Há um processo de emancipação na sociedade e na Igreja. Não se nega a religião, há uma busca da transcendência, mas rejeita-se o peso das instituições sobre as pessoas. Em nossas paróquias e comunidades, a migração silenciosa, sobretudo da parte dos jovens, para outras igrejas revela uma fuga desta tutela. E já há esforços consideráveis na linha de uma nova pastoral urbana, mais fraterna, com liberdade e busca de proximidade com as pessoas (BLANK, 2006, p. 26).

Para a evangelização no mundo urbano, a Igreja do Brasil assume para si as perspectivas apresentadas pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (cf. EG 71-75; CNBB 109, n. 32-33) e elege como prioridade as “pequenas comunidades eclesiais missionárias” (CNBB 109, n. 33 e 40), inseridas, de forma concreta, nas mais variadas situações. Estas seriam capazes de oferecer “ambiente e meios para a iniciação à vida cristã e para uma formação sólida, integral e permanente” (CNBB 109, n. 36) e, poderiam recriar, no contexto atual, o processo de inculturação do Evangelho desenvolvido nas origens do cristianismo (cf. EG 129).

Tendo presente a missão da Igreja diante do contexto atual, buscamos identificar alguns eixos básicos para uma efetiva ação evangelizadora no anseio de buscar respostas aos desafios da ação evangelizadora da Igreja do Brasil. Estes eixos brotam de uma pesquisa feita sobre a dinâmica de ação evangelizadora do Movimento Boa Nova. (cf. SILVA, 2020, p. 279-321). Importa salientar, desde já, que estes eixos devem ser trabalhados de forma orgânica, planejada, articulada e contínua. Assim, poderão contribuir como resposta efetiva aos desafios da ação evangelizadora na contemporaneidade.

2. EIXOS BÁSICOS PARA UMA EFETIVA AÇÃO EVANGELIZADORA

O objetivo é demonstrar a necessidade de articulação orgânica e permanente de alguns eixos básicos a fim de tornar a ação evangelizadora mais efetiva, eficaz e propensa à ação do Espírito no seio da Igreja e da sociedade. Neste sentido apontamos sete eixos de ação: 1.

Serviço continuado de animação bíblica popular; 2. Aposta nos leigos como sujeitos na Igreja e na sociedade; 3. Enraizamento na Igreja local; 4. Uso da linguagem simbólico-cultural; 5. Cultivo da Espiritualidade cristã libertadora; 6. Ação transformadora na sociedade, a serviço da vida humana e do cuidado do planeta; 7. Integração com e nas redes sociais.

Em cada um destes pontos serão sinalizadas experiências pastorais e/ou linhas de ação, eleitas nos recentes documentos do Magistério, que indicam o caminho a ser percorrido pela Igreja em sua ação evangelizadora na contemporaneidade. Não se trata de uma abordagem exaustiva, devido à enorme complexidade que envolve cada um dos pontos elencados, mas apenas indicativa que sinalize a sua pertinência neste contexto de uma sociedade pós-moderna urbanizada.

2.1 SERVIÇO CONTINUADO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA POPULAR

A Igreja do Brasil se propõe a “alargar os ouvidos à voz do Senhor” e decide-se por uma “resposta criativa” por meio da Animação Bíblica da Pastoral (cf. Documento Estudo CNBB, 114, n. 3). Em sintonia com esta iniciativa do Brasil, indicamos algumas iniciativas de trabalho bíblico popular, com resultados positivos, desenvolvidos em diferentes países no contexto de mundo atual, pós-moderno e urbanizado:

a. “*Casinhas Bíblicas*”: Uma prática de leitura urbana e comunitária da Bíblia desenvolvida na Colômbia (cf. MÉRCHAN, 2015, p. 41). A proximidade do Evangelho com as pessoas, favorecida pelos incontáveis grupos que tornam a Igreja presente em toda a grande cidade. Uma proposta de leitura urbana e comunitária da Bíblia, em pequenos grupos, por meio de uma pedagogia e espiritualidade urbanas que tem por objetivo despertar as pessoas para que se tornem sujeitos eclesiais e sociais, capazes de exercer a sua cidadania no mundo urbano.

b. “*Pastoral de gestação*”. Em um contexto profundamente marcado pela secularização, está uma iniciativa em andamento na França e na Bélgica, que corresponde a uma prática pastoral de grupos bíblicos abraçada por várias dioceses, suscitando encontro regulares de cristãos para a escuta da Palavra, deixando-se transformar por ela: “Trata-se menos de um projeto pastoral organizado do que do cuidado de aproveitar as ocasiões, ou até de suscitá-las na convicção de que este é, de fato, um apelo atual do Espírito” (DUMAS, 2013, p. 131). É a chamada “Pastoral da Gestação”.

c. Os “*grupos de Jesus*”. Estes desenvolveram-se e multiplicaram-se, em vários lugares da Espanha como busca de resposta aos desafios para a vivência da fé no contexto atual, com grande aceitação, logo espalharam-se para outros países. José Antônio Pagola propõe “voltar a Jesus” a fim de que as pessoas possam recuperar a sua identidade como seus discípulos e seguidores no mundo de hoje por meio dos “grupos de Jesus” (cf. PAGOLA, 2016): Em geral, grupos espontâneos de leigos e leigas que não exigem preparação prévia, não querem substituir outros grupos existentes.

Estas várias experiências, somadas às forças dos grupos de reflexão e dos círculos bíblicos espalhados também em nosso país referendam que o contato direto com a Palavra de Deus e a aproximação com o seu contexto vital permitem “uma nova encarnação da mensagem” em sua própria cultura, segundo as contingências de seu tempo e lugar (cf. BRIGHENTI, 2011, p. 187). Este trabalho de leitura popular da Bíblia, de formação de “leitores populares” da Bíblia tem fundamental importância. O que se reforça pelo incentivo da Igreja do Brasil na Animação bíblica de toda a Pastoral (cf. Doc. Estudo CNBB 104, n. 32).

Tendo presente estas exitosas experiências de animação bíblica na atualidade, evidencia-se que qualquer trabalho de evangelização que se queira sério, há de levar em consideração a centralidade da Palavra de Deus com especial atenção ao apelo de Francisco, “não deixemos que nos roubem o Evangelho” (EG 97). Isto faz do serviço continuado de animação bíblica um dos eixos centrais da ação evangelizadora. No entanto, esta iniciativa traz como exigência uma aposta efetiva nos leigos como sujeitos.

2.2 APOSTA NOS LEIGOS COMO SUJEITOS NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Preocupado com a evangelização no contexto atual, o Papa Francisco aponta o clericalismo é uma das maiores deformações a ser enfrentada na Igreja que lhe “apaga o fogo profético” e ignora que a “sacramentalidade da Igreja pertence a todo o povo de Deus (cf. LG 9-14)” (PAPA FRANCISCO, 2016). Por isso, a sua presença e atuação na Igreja e no mundo pode ser compreendida como “um gigante adormecido e domesticado” (BRIGHENTI, 2019, p. 18). Santo Domingo reconhece que “a dedicação preferencial de muitos leigos a tarefas intraeclesiais e uma deficiente formação privam-nos de dar respostas eficazes aos desafios atuais da sociedade” (SD 96).

A Conferência de Aparecida revela a preocupação dos bispos com a perda da vitalidade da Igreja latino-americana, daí ao constante apelo para a formação de “discípulos missionários” (Dap 10) e para a audácia missionária nas novas circunstâncias latino-americanas (Dap 11). A Igreja aposta em um efetivo dinamismo dos leigos, com maior participação nas decisões, ampliando a presença feminina (cf. EG 103), em uma Igreja em constante “saída missionária”, tendo presente que toda ação missionária é protagonizada pelo Espírito Santo (cf. EN 75) e compartilham a mesma missão na Igreja e no mundo (cf. AA 2).

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, versa sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. No conjunto de suas afirmações, aposta na força missionária dos leigos e leigas, como “sujeitos na Igreja e na sociedade”. A Igreja conta com “um novo protagonismo de cada um dos batizados” (EG 102), bem como com um maior protagonismo da parte dos jovens (EG 106). A Igreja do Brasil, com alegria e esperança, afirma que: “os cristãos leigos e leigas são os grandes protagonistas desses avanços em unidade com seus pastores” e que o “sujeito na evangelização é todo o povo de Deus, a Igreja” (CNBB 105, n. 37 e n. 101). Isto atesta que

a aposta nos leigos como sujeitos na Igreja e no mundo é outro eixo da ação evangelizadora e por sua vez, implica um enraizamento na Igreja local.

2.3 ENRAIZAMENTO NA IGREJA LOCAL

O Concílio Vaticano II trouxe uma nova consciência eclesial e uma maior valorização da Igreja local. Explicita que a “una e única Igreja católica existe nas Igrejas particulares e a partir delas” [*in quibus et ex quibus*] (LG 23). É na e a partir da Igreja local que se pode ir ao encontro da salvação oferecida por Cristo (cf. CODINA, 2014, p. 114). O ponto de partida e de orientação para a fé se dá a partir de baixo, a partir da Igreja local. Aí é que se dá a experiência de ser Igreja, pela participação livre e consciente da parte de quem fez o seu encontro com Cristo e se coloca no seu seguimento. Esta importância da Igreja local e, de modo destacado, das pequenas comunidades eclesiais é também acentuada pela Conferência de Medellín (cf. DM 10,15).

Bruno Forte explicita a importância da Igreja local nestes termos: “não há nenhum ato verdadeiramente eclesial que originariamente não seja ato de uma igreja local” (FORTE, 1987, p. 74-75). A *Evangelii Gaudium* aponta a Igreja local como o “sujeito primário da evangelização” e tem um rosto próprio: “É a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local” (EG 30).

Esta preocupação com o enraizamento na Igreja local é reforçada ainda quando o Papa Francisco recomenda não perder contato com a realidade da paróquia local e incentiva o engajamento, a integração “na pastoral orgânica da Igreja particular” (EG 29). E, é a partir dela que deve acontecer o alegre anúncio do Evangelho em “saída para as periferias” (cf. EG 30). Por sua vez, a Igreja do Brasil, ao tratar da comunhão eclesial, nomeia vários setores e atividades presentes na Igreja local como espaços de comunhão nos quais os cristãos leigos “atuam como sujeitos e têm cidadania plena” (cf. CNBB 105, n. 139). O enraizamento das lideranças em cada comunidade, com espírito comunitário, a partir de baixo, a partir das periferias sociais e também existenciais favorece a um processo continuado de evangelização que fermenta e faz crescer toda a Igreja local.

Como visto acima, o que dificulta esse processo é o clericalismo, pois desestimula o dinamismo dos leigos e contribui para o fechamento por parte de seguidores dos movimentos que esvaziavam as propostas e iniciativas da Igreja local, enfraquecendo essa necessária comunhão eclesial. Para uma resposta da Igreja aos desafios dos tempos atuais, faz-se necessário ter a Igreja local como um dos eixos da ação evangelizadora e ainda revisar as “estruturas obsoletas” que acabaram por ofuscar o ser cristão. Além disso, a Igreja apela para que o anúncio de Jesus Cristo seja feito em linguagem “acessível e atual” (CNBB 100, n. 47).

2.4 USO DA LINGUAGEM SIMBÓLICO-CULTURAL

Para se expressar o ser humano faz uso de gestos e sinais, de ritos e de costumes. Há uma estreita ligação entre língua e cultura. E uma vez que a linguagem se expressa através de sinais e símbolos, próprios de cada grupo cultural, com sua história e sua visão de mundo, a ação evangelizadora da Igreja há de buscar fazer uso de uma linguagem que seja capaz de penetrar no seio da cultura, que favoreça à inculturação da fé.

Agenor Brighenti nos ajuda a compreender que a ação evangelizadora passa, necessariamente por um processo de inculturação da fé no mundo urbanizado: “Depois do descobrimento das culturas, no início do século XX, evangelizar significa ‘encarnar o Evangelho’ nas culturas, cujo sujeito do processo de inculturação da mensagem não é quem leva, mas quem recebe a Boa Nova” (BRIGHENTI, 2011, p. 177). É neste sentido que tratamos de uma linguagem simbólico-cultural, que por meio de símbolos próprios e oriundo do meio do povo revela-se como um caminho de inculturação da fé, que privilegia a vivência cristã, ajuda a alimentar a esperança do povo e sua capacidade de resistência diante dos desafios da realidade como o sofrimento, a dor, a violência, a opressão, o abandono e a morte...

Para penetrar neste mundo simbólico, ou para encontrar caminhos para que nele se enraíze o Evangelho é preciso apostar mais na “via simbólico-cultural”. Eis o caminho para uma maior aproximação com o povo, uma forma de interação na qual o povo permanece como sujeito, uma forma que lhe permite expressar com maior naturalidade e profundidade sua fé e suas convicções, a partir de baixo, de dentro de seu universo cultural. Por meio dela o Evangelho pode ser mais bem acolhido e pode gerar mais frutos do Espírito no meio do povo. Como recorda Francisco, uma força que não pode ser subestimada: “seria ignorar a obra do Espírito Santo” (EG 126).

Como referenda Brighenti: “Assumir a cultura como lugar hermenêutico da fé pressupõe recolher, fielmente, a linguagem do povo e fazer dela o meio do transvase da mensagem revelada à matriz da cultura no seio da qual se quer encarnar o Evangelho” (BRIGHENTI, 2011, p. 189). O cultivo pastoral desta linguagem simbólico-cultural permite a penetração do Evangelho também no mundo urbanizado, pois, como os símbolos não se esgotam, mas guardam uma reserva de sentido e permitem novas aplicações, por meio dessa linguagem a mensagem do Evangelho se encarna na cultura, no povo, com maior profundidade e de forma mais natural, respeitosa e gratuita. Eis porque o uso desta linguagem é outro eixo indispensável no processo de ação evangelizadora na contemporaneidade. No entanto implica um sadio cultivo da espiritualidade engajada na vivência de fé comunitária.

2.5 CULTIVO DA ESPIRITUALIDADE ENRAIZADA NA FÉ COMUNITÁRIA

A Conferência de Aparecida enfatiza uma espiritualidade trinitária que tem seu ponto de partida no batismo (DAp 240) e que tem a sua centralidade no encontro com Jesus Cristo que marca o “início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo”

(Dap 243). E os lugares desse encontro com Cristo é na fé recebida e vivida na Igreja (Dap 246), na Sagrada Escritura (Dap 247), de forma especial pela *Lectio divina* (Dap 249), na Sagrada Liturgia (Dap 250), na Eucaristia (Dap 251), no sacramento da reconciliação (Dap 254), na oração pessoal (Dap 255), na comunidade viva na fé e no amor fraterno (Dap 256), nos pobres, aflitos e enfermos (Dap 257). Todos esses pontos culminam em uma espiritualidade encarnada, vivida no seio da comunidade de fé, alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, cultivada na oração, de olhos abertos para a realidade e solidária com os mais sofridos. Sem escapismos ou fuga da realidade, sem visões fatalistas ou supersticiosas, uma espiritualidade que se constitui como “a forma própria e específica de viver a santidade batismal a serviço do Reino de Deus” (Dap 184).

O Papa Francisco acentua a necessidade de uma espiritualidade integradora e ecológica, por meio da qual as pessoas vivam guiadas pelo Espírito e coloquem-se, livre e alegremente a serviço do Reino no cuidado com os irmãos e com a Criação. Ele reconhece uma “sede de Deus”, mas denuncia um “consumismo espiritual”, movido por propostas que alienam e apresentam “um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89). Denuncia ainda a “espiritualidade do bem-estar”, imediatista, que carece de vida comunitária e de “compromissos fraternos” e se apoia na “teologia da prosperidade” (EG 90).

Seguindo indicações de Aparecida e do Papa Francisco, as Diretrizes de Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil e o Documento 105 da CNBB, “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade; sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14)”, reforçam a necessidade dessa espiritualidade integral e integradora capaz de superar as oposições: fé e vida; sagrado e profano; Igreja e mundo; identidade eclesial e ecumenismo que se tornam entraves à vivência da fé cristã madura e responsável como “verdadeiros sujeitos na Igreja e no mundo” (cf. CNBB 105, n. 133). Rejeita os desvios de uma espiritualidade intimista e individualista, reforça as exigências da caridade e postula o encontro com a pessoa de Cristo para “a conversão pessoal, o discipulado, a experiência comunitária, a formação bíblica teológica e o compromisso missionário” (cf. CNBB 105, n. 188).

O cultivo de uma espiritualidade, enraizada na comunidade de fé, que leva ao encontro com o Senhor e que desperta e fortalece o discipulado missionário é outro eixo da ação evangelizadora na atualidade. A partir dela, leigos e leigas se descobrem como “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14), compreendem que sua missão não se resume a uma maior frequência nas ações litúrgicas da comunidade, quer pela participação nas celebrações ou assumindo algum ministério ou serviço pastoral intraeclesial. A missão se estende para o mundo, para a busca de melhores condições de vida e dignidade para todos. Impulsionada por esta espiritualidade, a missão conduz para uma ação transformadora na sociedade a serviço do Reino de Deus.

2.6 AÇÃO TRANSFORMADORA NA SOCIEDADE

No âmago desta questão está a situação dos empobrecidos, dos marginalizados, dos sofrendores... Às vésperas do Concílio, João XXIII, tendo presente a situação dos países pobres, anuncia que a Igreja quer ser “a Igreja dos pobres”. Ao final do Concílio, o “Pacto das Catacumbas” sinaliza o compromisso dos signatários da “Igreja dos pobres” com a causa dos empobrecidos. Tendo como pano de fundo a relação Igreja / Mundo, a Conferência de Medellín assume o Concílio de forma criativa ao fazer uma leitura de suas conclusões à luz da situação concreta da América Latina. Com isso, deu-se um forte impulso na direção de uma Igreja *ad extra* e comprometida com os pobres: “a opção pelos pobres se tornou na Igreja e na teologia latino-americana a perspectiva ou o ponto de vista fundamental, a partir do qual todas as questões são tratadas e dinamizadas. [...] um ponto de vista estritamente teológico, tal como aparece na Sagrada Escritura” (AQUINO JUNIOR, 2013, p. 22).

A Conferência de Puebla dá continuidade ao método “Ver, Julgar e Agir” assumido em Medellín. Permanece a “opção pelos pobres”, mas com o adjetivo “preferencial”. Incentiva os cristãos leigos a assumir a política em função do bem comum e a socorrer as necessidades dos mais fracos (cf. DP 525). Santo Domingo, em um clima eclesial de neoconservadorismo, representa um recuo em certos pontos em relação a Medellín e Puebla: abandona o método “Ver, Julgar e Agir” e abranda a opção preferencial pelos pobres adjetivando-a com “evangélica e não excludente” (SD 296). A Conferência de Aparecida faz um retorno de forma criativa às intuições de Medellín e Puebla. Retoma o método “Ver, Julgar e Agir”, resgata a “opção preferencial pelos pobres” em chave cristológica a partir do discurso inaugural de Bento XVI (DAp 392), as CEBs são vistas como “sinal de vitalidade para a Igreja” (DAp 179) e renova o empenho pela justiça social e reconhece o esforço da Igreja na América Latina e Caribe em servir aos mais pobres (DAp 384-385).

O pontificado de Francisco reacende a chama da Igreja dos pobres: “Quero uma Igreja pobre e para os pobres” (EG 198), com maior presença no mundo para partilhar a alegria do Evangelho, uma Igreja “em saída” de portas abertas, que saia às “periferias humanas” (EG 20). Ainda postula que a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” e que todos os cristãos são chamados à construção de um mundo melhor (EG 183); para isso recomenda o estudo da Doutrina Social da Igreja para orientar a ação dos cristãos (EG 184). O Papa recorda que “ser cidadão fiel é uma virtude e a participação na vida política é uma obrigação moral” (EG 220).

Sem estar ancorado em uma base de fé, esse engajamento pode também levar a um distanciamento da vida de comunidade, posteriormente, e até a um afastamento da caminhada de fé e do sentido primeiro do próprio engajamento. É partilhando a fé da comunidade, aprofundando o conhecimento das Escrituras, em um processo de formação contínua, que o engajamento social permanece como um desdobramento da fé e é por ela alimentado e iluminado. Importa cuidar para que esse engajamento social não seja desfocado e instrumentalizado para outros fins que não seja a busca de colaborar com a edificação do Reino de

justiça e paz querido por Deus para todos os seus filhos e filhas. Como admoesta Francisco: “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!” (EG 101).

2.7 A INTEGRAÇÃO COM E NAS REDES DIGITAIS

A difusão da internet e dos modernos meios digitais, com todas as novas possibilidades daí decorrentes, contribuíram enormemente para que chegássemos a este mundo contemporâneo, pós-moderno, global, urbanizado. As transformações são de tal envergadura a ponto de configurar uma verdadeira “revolução digital”, caracterizada por uma “crescente complexificação dos processos comunicacionais em plataformas sociodigitais” (SBARDELOTTTO, 2017, p. 37). Já não é possível pensar o serviço de ação evangelizadora desvinculados dos recursos digitais e dos novos espaços de interação virtuais por meio das mídias e redes sociais.

O mundo digital, por meio das novas redes de comunicação, está provocando, a partir de baixo o emergir de um novo modo de compreender não apenas as relações humanas, mas também uma nova compreensão das questões eclesiais e teológicas. A partir disso, Sbardelotto também inquire se, ainda que de forma muito embrionária, “o catolicismo não estaria diante da emergência de um ‘*sensus fidelium digitalis*’, mediante gestos comunicacionais em *rede*” (SBARDELOTTTO, 2017, p. 368). Por meio deste, a partir da ação do Espírito, a sabedoria do povo estaria explicitando outros elementos, não apenas doutrinários, que precisam ser auscultados, pois, também na *rede* Deus fala por meio de seu povo. Por meio do povo também se manifesta os “sinais dos tempos”.

A urgência da presença e interação nos meios digitais e as novas possibilidades nele abertas faz da integração com e nas redes sociais, outro eixo básico para uma efetiva ação evangelizadora na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

A articulação destes sete eixos torna-se fundamental para uma efetiva ação evangelizadora na contemporaneidade. É necessário um serviço continuado de animação bíblica popular, mantendo a centralidade da Palavra de Deus em toda ação evangelizadora, evitando o fundamentalismo e a instrumentalização da Bíblia: “*Não deixemos que nos roubem o Evangelho*” (EG 97). Apostar efetivamente nos leigos como sujeitos na Igreja e na sociedade, a fim de despertar a consciência crítica para uma melhor leitura da realidade eclesial e social: “*Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização*” (EG 83). Trabalhar o devido enraizamento na Igreja local de forma orgânica, participativa e nela buscar o fortalecimento das pequenas comunidades, a partir de dentro, a partir de baixo: “*Não deixemos que nos roubem a comunidade*” (EG 92). Fazer uso de uma linguagem simbólico-cultural que possibilita ir ao encontro do outro em sua cultura e torna mais fecunda a ação evangelizadora da Igreja: “*Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário*” (EG 80). Cultivar a espiritualidade cristã libertadora, tanto de forma pessoal quanto comunitária, acenando sempre para a escuta de Deus e de seus desígnios diante da realidade vivida: “*Não deixemos que nos roubem a*

esperança” (EG 86). Incentivar uma presença e ação transformadora na sociedade, a serviço da vida humana e do cuidado com planeta: “*Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno*” (EG 101). E, buscar a integração com e nas redes sociais alargando a presença evangelizadora da Igreja nas novas redes sociais, desenvolvendo o protagonismo digital das pessoas: *Não deixemos que nos roubem a força missionária* (EG 109).

É já dado comum, presente nos manuais de teologia pastoral e em várias diretrizes da CNBB, a necessidade um planejamento pastoral. Pois, sem um planejamento, além de não se ter metas por onde ir, nem como caminhar, impossibilita o importante trabalho de avaliação para revisão dos trabalhos a serem feitos. Por isso, os eixos aqui apresentados necessitam ser articulados, conjuntamente, dentro de um sério projeto de ação evangelizadora a partir da Igreja local. Em seu último documento de estudo a CNBB recorda a importância e necessidade de um projeto pastoral (Doc. de Estudo da CNBB 114, n. 128). Há muitas ferramentas que ajudam a pensar o planejamento da ação evangelizadora. Neste sentido vale a pena retomar os passos indicados por Brighenti que orienta a superar o amadorismo, privilegiar antes os processos que os resultados e saber administrar os conflitos. E ao planejar, é preciso fazê-lo com os “pés no chão” e “olhos no horizonte”, colocando as mãos na massa, planejando de forma participativa, comunitária e sinodal (cf. BRIGHENTI, 2021, p. 223-244).

A articulação destes sete eixos, trabalhados simultaneamente e em seu conjunto, dentro de um projeto pastoral, formulado de forma participativa, sinodalmente, oferecerão melhores e maiores possibilidades para uma efetiva ação evangelizadora na contemporaneidade neste contexto pós-moderno, urbanizado e plural. Neste sentido é preciso levar, cada vez mais a sério, a proposta de Aparecida em se ultrapassar a pastoral de “mera conservação” em função de uma pastoral “decididamente missionária” (Dap 370). Isto também é impulsionado por Francisco quando aponta a necessidade de uma Igreja em constante “saída missionária” para as periferias geográficas e existenciais (cf. EG 30, 46).

REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, Francisco. Igreja e política: abordagem teológica à luz do Concílio Vaticano II. In: PINHEIRO, José Ernane; ALVES, Antonio Aparecido. *Os cristãos leigos no mundo da política à luz do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 15-38.

BLANK, Renold. *Ovelha ou Protagonista: A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006

BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar: A Inteligência da prática transformadora da fé: manual básico de teologia pastoral*. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2011.

_____. *O laicato na Igreja e no mundo: um gigante adormecido e domesticado*. São Paulo: Paulinas, 2019.

_____. *Teologia Pastoral: A inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021.

CODINA, Víctor. Pedro, de otro modo. In: *Selecciones de teología*, Barcelona, v. 54, n. 214, p. 147-153, 2015.

CNBB. “*E a Palavra habitou entre nós*” (Jo 1,14): Animação Bíblica da Pastoral a partir das Comunidades Eclesiais Missionárias. (Col. Documentos de Estudos n. 114.) Brasília: Edições CNBB, 2021.

FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

GALLI, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco*. 4ª ed. Buenos Aires: Agape Livros, 2014.

MÉRCHAN, Rafael Brigard. Una pregunta, muchas respuestas. Lectura de actualización pastoral del Sexto Sínodo Arquidiocesano de Bogotá. In: CAMARGO CAMARGO CORTÉS, Alberto (Dir.). *Hacia la Ciudad de la Misericórdia: Rutas de Pastoral Urbana*. Bogotá: Grafismo Editores, 2015.

DUMAS, Odile Ribadeau; BACQ, Philippe. Palavra de Deus e pastoral de gestação. In: BACQ, Philippe; THÉOBALD, Christoph. *Uma nova oportunidade para o Evangelho: para uma pastoral de gestação*. Prior Velho: Paulinas, 2013.

PAGOLA, José Antônio. *Grupos de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2016.

MIRANDA, França. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

PAPA FRANCISCO. *Carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html>. Acesso em: 14 dez. 2020

SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez rede: religiosidades em construção no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

SILVA, Denilson Mariano. A Dinâmica de Ação Evangelizadora do Movimento da Boa Nova – MOBON: Uma análise teológico-pastoral à luz da reflexão teológica de Víctor Codina. 2020. 384p. Tese (Doutorado em Teologia) – FAJE, Belo Horizonte, 2020.

TRIGO, Pedro. *Relaciones humanizadoras: Un imaginario alternativo*. Santiago do Chile: Universidad Alberto Hurtado, Ed, Kindle, 2013.